

Rosiney A.L. do Vale
rosineyvale@uenp.edu.br

Rozana A.L. Messias
romessias@assis.unesp.br

Um olhar bakhtiniano sobre a questão do dialogismo X monologismo: Macabéa e a linguagem no processo de (des)constituição do “eu”

A Bakhtinian view on the issue of dialogism *versus* monologism: Macabéa and the language within the process of the (de)constitution of the “I”

RESUMO - Bakhtin, no desenvolvimento de suas teorias, concedeu especial atenção às questões relativas à linguagem, considerando também de fundamental importância o papel exercido pelo outro na formação do homem. Assim, mostrou-se preocupado em tratar a linguagem não como simples veículo de comunicação entre os homens, mas como uma atividade social de essencial importância para o desenvolvimento humano. Diante do exposto e em consonância com os conceitos de alteridade e dialogismo bakhtiniano, no presente trabalho, propomo-nos a verificar alguns aspectos relativos à Macabéa, personagem da obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, bem como seus contatos com o mundo, via linguagem, procurando nestes encontrar elementos elucidativos de sua dificuldade em interagir com o universo que a cerca e a consequente (des) constituição de sua identidade.

Palavras-chave: Bakhtin, dialogismo, monologismo, alteridade.

ABSTRACT - Bakhtin, during the development of his theories, focused matters concerned to language, also taking account of the vital importance of its role in the formation of men. Thus, he was concerned in treating language not only as a simple mean of communication among people, but also as a social and crucial activity for the development of human beings. According to that and regarding the Bakhtinian concepts of alterity and dialogism in this paper, we intend to verify some aspects related to Macabéa, the protagonist of the novel entitled *A Hora da Estrela*, by Clarice Lispector, as well as her communication with the outside world, via language, trying to clarify, into that process, elucidative elements which attest her difficulty in interacting with the world that surrounds her, besides the consequent de(constitution) of her own identity.

Keywords: Bakhtin, dialogism, monologue, otherness.

Introdução

De acordo com Bakhtin (1986), a linguagem define-se na natureza humana e seu caráter fundamental é o diálogo, instituído na interação verbal. Nela, a interlocução apresenta-se como espaço de produção de linguagem e constituição de sujeitos, que se constroem no processo de uso da linguagem nas relações com o outro, de tal forma que a partir daí construímos a leitura da vida e de nossa própria realidade. É, pois, a linguagem que oferece ao homem a possibilidade de adquirir consciência, tornando-se capaz de pensar, de saber que sabe e, portanto, de agir sobre o meio, ampliando as margens de sua própria liberdade.

Nesse sentido, aqui dizemos que sua libertação pela linguagem advém de uma atitude dialógica assumida em suas relações, o que lhe torna possível interagir ativamente, intervir e transformar a realidade, de acordo com as suas

necessidades. Por outro lado, a privação da linguagem, ou ainda, uma relação monológica/ passiva diante do mundo culminará numa imensurável redução (até mesmo na extinção) de possibilidades de o indivíduo intervir e modificar a realidade, isto é, colocar-se como autor das transformações sociais, uma vez que o instrumento que lhe permitiria interagir com o mundo não lhe é acessível.

Diante disso, torna-se patente o fato de que o modo como concebemos a linguagem é o ponto nevrálgico, determinante de nossas ações na construção do conhecimento, como seres capazes de criar e recriar coisas no mundo, atuando e até modificando a realidade em que vivemos. Sabemos, assim, que o uso da linguagem possibilita ao homem, ser social inserido num tempo e espaço definidos, nas suas relações com o outro, a capacidade de produzir efeitos de sentido, posicionar-se e atuar sobre a realidade em que vive, construindo e produzindo conhecimentos, e,

em decorrência disso, estabelecer a sua própria identidade pessoal e social.

Diante do exposto e em consonância com os conceitos de alteridade e dialogismo bakhtiniano, no presente trabalho, propomos-nos a verificar alguns aspectos relativos à Macabéa, personagem da obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, bem como seus contatos com o mundo, via linguagem, procurando nestes encontrar elementos elucidativos de sua dificuldade em interagir com o universo que a cerca e a conseqüente (des)constituição de sua identidade.

Cabe advertirmos que não nos deteremos na análise de aspectos relativos à literariedade da obra mencionada, isto é, a questões inerentes à ficção e à construção literária. Interessa-nos, primordialmente, destacar, na narrativa, instâncias atinentes à questão do dialogismo/monologismo, intrínseca à linguagem humana, depreendidas a partir da análise das ações linguísticas da personagem Macabéa. Ou ainda, destacar algumas das marcas linguísticas que permeiam, enquanto prática social, a linguagem da personagem e nos permitem verificar a significação dos efeitos de sentidos construídos a partir das relações dialógicas, em consonância com a translinguística bakhtiniana, disciplina concebida “precisamente para se ocupar da enunciação e dos seus sentidos” (Faraco, 2009, p. 117). Também alertamos para o fato de que são nossos os grifos referentes aos fragmentos retirados diretamente do romance e citados no decorrer da análise.

Bakhtin, o filósofo da linguagem em foco

Bakhtin (1895-1975), ao longo de sua vida, transitou por diversas áreas do conhecimento, desenvolvendo pesquisas na linguística, psicanálise e crítica literária, abordando, assim, temas referentes a diversas disciplinas, mas cuja unidade de pensamento reside na centralidade que concedeu à linguagem.

Nas primeiras décadas do século XX, esse filósofo da linguagem já trabalhava com ideias que só vieram à luz, para nós ocidentais, na década de 60. Por motivos pessoais e políticos que não cabe a nós discutir, sob pena de ficarmos na esfera das especulações, seus escritos permaneceram por muito tempo na obscuridade ou, ainda, foram publicados sob o nome de amigos e discípulos, como *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929), por exemplo, que fora publicado sob o nome de Voloshinov, membro do chamado Círculo de Bakhtin, mas que consensualmente carrega marcas indeléveis do pensamento bakhtiniano. Nesse ponto, faz-se importante mencionar, mesmo que superficialmente, algo sobre o Círculo: “Trata-se de um grupo de intelectuais [...] que se reuniu regularmente de 1919 a 1929 [...]. Era constituído de pessoas de diversas formações, interesses intelectuais e atuações profissionais (um grupo multidisciplinar, portanto [...]) (Faraco, 2009, p. 13).

O fato é que a fecundidade das ideias oriundas dos membros do Círculo de Bakhtin influenciou e influencia uma gama de estudiosos que não titubeiam em mencioná-lo como um dos maiores pensadores do século XX, no que tange às investigações relacionadas aos estudos literários e culturais, de modo que os seus apontamentos merecem cuidadosa reflexão. Embora, no Brasil, Bakhtin seja, pareços, mais conhecido como o teórico da carnavalização, no que tem de pertinente em relação à literatura brasileira em particular e à cultura latino-americana em geral, interessamos aqui suas reflexões mais estritamente linguísticas.

Na década de 20, o pensamento de Bakhtin já era dominado por uma preocupação preponderante: o desenvolvimento de uma filosofia da linguagem baseada no dialogismo. Aliás, vale ressaltar o fato de que em todos os seus livros encontramos, sob um ou outro aspecto, uma preocupação em tratar desse tema, de forma que o cerne de seus trabalhos, isto é, sua concepção de linguagem tem como pilar “não numa tendência linguística ou teoria literária, mas uma visão de mundo [...] um conjunto de dimensões entretecidas e ainda não inteiramente decifradas” (Brait, 1997, p. 92).

Para Bakhtin, o nascimento físico do homem não teria nenhum significado, caso ele não estivesse inserido em uma sociedade, com suas condições sócio-econômicas e ideológicas. Em outras palavras, não basta nascer para o mundo, antes é preciso situar-se neste, sabendo que ocupamos este ou aquele lugar, que pertencemos a tal grupo e como tal somos detentores de certos deveres e direitos.

Ao longo da vida, devido ao acúmulo de conhecimentos que recebemos em nossas experiências e nossos contatos com o outro, mediados pela linguagem, vamos aprimorando nossas formas de pensar, tomando consciência de tudo o que nos cerca e, finalmente, tornamo-nos capazes de nos identificar a nós mesmos como seres singulares (eu) e, ao mesmo tempo, sociais (nós).

Bakhtin delega à orientação social um papel fundamental e afirma que sem ela não há atividade mental. Nessa linha de raciocínio, informa ainda que

a estrutura da atividade mental é tão social como a da sua objetivação exterior. O grau de consciência, de clareza, de acabamento formal da atividade mental é diretamente proporcional ao seu grau de orientação social (Bakhtin, 1986, p. 114).

É, acreditamos, ilustrativa e coerente nesse ponto a citação de Faraco (2009, p. 42), reportando-se à Bakhtin,

a consciência individual se constrói na interação, e o universo da cultura tem primazia sobre a consciência individual. Esta entendida como tendo uma realidade semiótica, constituída dialogicamente (porque o signo é, antes de tudo, social), e se manifestando semioticamente, i.e., produzindo texto e o fazendo no contexto da dinâmica histórica da comunicação, num duplo movimento: como réplica ao já dito e também sob o condicionamento da réplica ainda não dita, mas já solicitada e prevista, já que Bakhtin entende o universo da cultura como um grande e infinito diálogo [...].

Na sequência, para melhor compreensão da análise que propomos, apresentamos um resumo da narrativa *A hora da estrela*, de Clarice Lispector.

A narrativa: A hora da estrela

A narrativa é relatada por um narrador (Rodrigo S.M.) que sabemos ser um dos personagens principais, e em cujo texto transparece suas próprias inquietações, desvendando-se, assim, a sua problemática interior, conhecendo a sua própria identidade, à medida que nos faz conhecer a protagonista: a nordestina Macabéa: “Apesar de eu não ter nada a ver com a moça, terei que me escrever todo através dela por entre espantos meus” (Lispector, 1999, p. 24). A justificativa para o que ele vai escrever é a de que, além de, quando menino, ter se criado no nordeste, pegara “no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina” (Lispector, 1999, p. 12).

Macabéa, a personagem por ele criada, é uma jovem de dezenove anos, cuja instrução escolar se restringiu ao terceiro ano primário e um curso de datilografia, “curso ralo”, que lhe dera sua tia. Enfim, uma mulher miserável que mal tem consciência de existir: “[...] ela vive num limbo impessoal, sem alcançar nem o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando. [...] O seu viver é ralo” (Lispector, 1999, p. 23).

Depois de terem vindo para o Rio de Janeiro, a nordestina perde seu único elo com o mundo: uma velha tia, que a criara por ocasião da morte de seus pais. Então, aluga um quarto, que divide com outras quatro jovens (Maria da Penha, Maria Aparecida, Maria José e Maria apenas), se emprega como datilógrafa, numa firma de representante de roldanas, e gasta suas horas ouvindo a Rádio Relógio, que “dá a hora certa, cultura e anúncios”.

Macabéa, embora nada entendesse, amava as palavras sonoras do locutor da Rádio Relógio (de onde absorvia todos os conhecimentos). Também fazia coleção de anúncios escritos (colava-os num álbum) e seu maior desejo era ser artista: “Querida mesmo era se parecer com Marilyn Monroe, embora, paradoxalmente, em sua pobreza e condição, admirasse mesmo o rosto de Greta Garbo” (Sá, 1979, p. 210).

Por um acaso do destino, Macabéa apaixonou-se por Olímpico de Jesus, um metalúrgico, também nordestino, que logo a troca por Glória, sua colega de serviço. Desesperada, ela consulta, por indicação da própria Glória, uma cartomante que acerta tudo sobre o seu triste passado, presente e lhe prevê um futuro luminoso: “Madama acertou tudo sobre o seu passado [...] Quanto ao presente, queridinha, está horrível também. [...] sua vida vai mudar completamente!” (Lispector, 1999, p. 76).

A cartomante faz previsões maravilhosas sobre o futuro de Macabéa: “Madama Carlota havia acertado tudo.

Só então vira que sua vida era um miséria. Teve vontade de chorar ao ver seu lado oposto, ela que [...] até então se julgava feliz” (Lispector, 1999, p. 79).

Considerações sobre a personagem Macabéa: uma abordagem possível

Ancorados nas bases teóricas expostas anteriormente, passemos à análise de alguns trechos da obra em que flagramos na materialidade do texto a “dificuldade linguística” da personagem Macabéa em seu contato com o mundo.

A jovem em questão, como já mencionamos, é uma nordestina, mais precisamente uma alagoana. Ao nos dar essa informação, o narrador expõe uma característica marcante da personagem:

Ela nascera com maus antecedentes e agora parecia uma *filha de não-sei-o-quê* com ar de se desculpar por ocupar espaço. [...] Nascera inteiramente *raquítica*, herança do sertão – os maus antecedentes de que falei (Lispector, 1999, p. 27-28).

Nesse ponto, já encontramos um forte indício da coisificação da personagem, reforçado pelo fato de que a pobre criança ao menos tivera nome até a idade de um ano: “minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte se eu vingasse, até um ano de idade eu não era chamada porque não tinha nome” (Lispector, 1999, p. 43). De acordo com Bakhtin, tudo o que nos diz respeito, a começar pelo nome, nos chega à consciência por meio de palavras dos outros. Via de regra, o nome é a primeira forma de individualização do sujeito e, até mesmo, os animais irracionais normalmente têm nome e são por ele chamados.

Quanto à expressão “filha de não-sei-o-quê”, esta lhe confere uma designação muito vaga; afinal, quer conheçamos ou não, todos temos uma origem. Nessa perspectiva, Bakhtin (1986) considera que não se nasce organismo biológico abstrato, mas se nasce camponês ou aristocrata, proletário ou burguês.

Os pais de Macabéa, dos quais ela não lembrava sequer os nomes, nunca mencionados pela tia, morreram (de febre ruim) quando esta tinha apenas dois anos de idade e, desde então, fora criada por essa tia beata, única parenta sua no mundo: [...] “já não sabia mais ter tido pai e mãe, tinha esquecido o sabor. E, se pensava melhor, dir-se-ia que havia brotado da terra do sertão em cogumelo logo mofado” (Lispector, 1999, p. 29).

Essa tia, que não se casara por nojo, considerando seu dever evitar que a menina se tornasse uma vagabunda de rua (embora nunca tivesse dado mostras de no futuro vir a tornar-se), castigava-a com frequência, dando-lhe, com os nós dos dedos, “cascudos no alto da cabeça de ossos fracos por falta de cálcio” (Lispector, 1999, p. 28); também privava-a “da sobremesa de todos os dias: goiabada com queijo, a única paixão de sua vida” (Lispector, 1999, p. 28).

Quando a outras crianças, estas também não fizeram parte de sua vida, pois a tia não permitia que ela brincasse: “Às vezes lembrava-se de uma assustadora canção desafiada de meninas brincando de roda de mãos dadas – ela só ouvia sem participar porque a tia a queria para varrer o chão” (Lispector, 1999, p. 32-33). Vale frisar que as brincadeiras na infância não são apenas um divertimento, ao contrário, estas, na verdade, são as primeiras formas pelas quais a criança se relaciona com a cultura, são um meio lúdico de se relacionar com os outros e assimilar formas de conhecimento e, sendo assim, o brincar implica questões bem mais abrangentes que não só o prazer, de modo que podemos dizer que pelo brincar também se humaniza e socializa.

É visível que os primeiros contatos de Macabéa com o mundo estiveram cerceados, isto é, bastante limitados, uma vez que perdera seus pais ainda muito criança e que em sua infância, sem outras crianças, “sem bola nem boneca” (Lispector, 1999, p. 33), o seu interlocutor mais próximo (talvez o único) fora a tia repressora que, como mostra o narrador, não dialogava com a menina. Sobre esse aspecto, vale lembrar que a infância é uma etapa particularmente importante da vida, pois nela os seres humanos estão em pleno processo de socialização; estão, por assim dizer, recebendo um repertório de hábitos, crenças, valores, enfim, instrumentos que lhes permitirão interagir com o meio de maneira socialmente aceita, ou ainda, que transformam a matéria-prima humana num ser social. E nesse transformar as relações afetivas também são significativas.

Sob esse prisma, Bakhtin (1986) postula que os elementos históricos, sociais e linguísticos atuam de forma decisiva no cerne da personalidade do indivíduo e se manifestam de forma dialógica em seus discursos.

De acordo com Faraco (2009, p. 22),

Bakhtin dirá no manuscrito *O autor e herói na atividade estética* (p. 187-188) que viver significa tomar uma posição axiológica em cada momento, significa posicionar-se em relação a valores. Vivemos e agimos, portanto, num mundo saturado de valores, no interior do qual cada um dos nossos atos é um gesto axiológico responsivo num processo incessante e contínuo.

Ou ainda, na concepção bakhtiniana, “A vida é dialógica por natureza e viver significa participar de um diálogo, interrogar, responder, concordar, etc.” Macabéa nada perguntava. Embora rodeada pelo silêncio – “Ela era calada (por não ter o que dizer)” (Lispector, 1999, p. 33) – a jovem nordestina “gostava de ruídos. Eram vida”. (Lispector, 1999, p. 33). Nesse universo mudo, seu elo com o mundo era a Rádio Relógio:

Todas as madrugadas ligava o rádio emprestado por uma colega de moradia [...] ligava invariavelmente para a Rádio relógio, que dava ‘hora certa e cultura’ [...] Era rádio perfeita pois [...] dava curtos ensinamentos dos quais talvez algum dia viesse precisar saber. Foi assim que aprendeu que o Imperador Carlos Magno era na terra dele chamado Carolus. Verdade que nunca

achara modo de aplicar essa informação [...] Ouvira também a informação de que o único animal que não cruza com o filho era o cavalo [...] Outra vez ouvira: ‘Arrepende-te em Cristo e ele te dará felicidade’. Então ela se arrependera. Como não sabia bem de quê, arrendia-se toda e de tudo. O pastor também falava que vingança é coisa infernal. Então, ela não se vingava (Lispector, 1999, p. 37).

Essa passagem ilustra sobremaneira a mudez de Macabéa. Ora, a personagem não fala, não pergunta, não discute, não reflete, enfim, sua interação sofre limitações (pois a personagem “não fala, não pergunta”). Desse modo, podemos considerar a existência, embora restrita, da interação, na medida da inserção desta personagem em um contexto social, cultural, pois, na verdade, conquanto não aja, ela reage, absorvendo este contexto.

Sua vida é um *monólogo*, ela toda é um *monólogo*:

Tinha o que se chama de vida interior e não sabia que tinha. Vivia de si mesma como se comesse as próprias entranhas” [...] Não sabia que meditava pois não sabia o que queria dizer a palavra [...] só que precisava dos outros para crer em si mesma, senão se perderia nos sucessivos e redondos vácuos que havia nela. [...] Ouvira na Rádio Relógio que havia sete bilhões de pessoas no mundo. Ela se sentia perdida. Mas com a tendência que tinha para ser feliz logo se consolou: havia sete bilhões de pessoas para ajudá-la (Lispector, 1999, p. 38-58).

A nossa personagem, aparentemente inserida num grupo social, em um tempo e espaço definidos, e, embora instintivamente sentindo a *necessidade do outro*, vive em um constante monólogo. Os parcos conhecimentos de que dispõe não são resultado de sua interação com o meio, isto é, processos dialógicos; mas de uma absorção, de maneira que nunca há uma troca ou reflexão de sua parte, não há interação; mas apropriação de sentidos já prontos.

Corroborando com o exposto, temos que

a compreensão não é mera experiência psicológica da ação dos outros, mas uma atividade dialógica que, diante de um texto, gera outro(s) texto(s). Compreender não é um ato passivo (um mero reconhecimento), mas uma réplica ativa, uma resposta, uma tomada de posição diante do texto (Faraco, 2009, p. 42).

A jovem nordestina não dialoga, chega parecer algo inerte (“ela vive num limbo impessoal”), uma espécie de “baú” vazio onde coisas são colocadas, sem a necessidade de uma organização. O contato com a Rádio Relógio é uma via de mão única, unilateral (nomenclatura da Teoria da Comunicação), na medida em que não existe a possibilidade de resposta por parte do ouvinte (pelo menos, imediata); ou ainda, se há alguma espécie de interação, esta poderia ser entendida, ousamos dizer, embora soe um paradoxo, como uma “*interação passiva*”.

De fato, à medida que buscamos o entendimento de um sujeito, ao mesmo tempo, social e singular, na perspectiva bakhtiniana, há que se destacar que a possibilidade da constituição de um “eu” emerge do posicionamento que se toma diante da imensa diversidade de vozes e suas

relações dialógicas, presentes no universo socioideológico e no mundo interior.

Na sequência, para ilustrar a nossa discussão, transcrevemos alguns trechos da fala de Macabéa e seu namorado Olímpico onde, sem dúvida, emerge a problemática em relação à linguagem vivida pela personagem.

Diálogo/monólogo entre Macabéa e o namorado Olímpico

Ele: _ Pois é.
Ela: _ Pois é o quê?
Ele: _ Eu só disse pois é.
Ela: _ Mas 'pois é' o quê?
Ele: _ Melhor mudar de conversa porque você não me entende.
Ela: _ Entender o quê?
Ele: _ Santa Virgem, Macabéa, vamos mudar de assunto e já!
Ela: _ Falar então de quê?
Ele: _ Por exemplo, de você.
Ela: _ Eu?!
Ele: _ Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.
Ela: _ Desculpe mas não acho que sou muito gente.
Ele: _ Mas todo mundo é gente, Meu Deus!
Ela: _ É que não me habituei.
Ele: _ Não se habituou com quê?
Ela: _ Ah, não sei explicar.
Ele: _ E então?
Ela: _ Então o quê?
Ele: _ Olhe, eu vou embora porque você é impossível!
Ela: _ É que *só sei ser impossível, não sei mais nada*. Que é que eu faço para conseguir ser possível?
Ele: _ Pare de falar porque você só diz besteira! Diga o que é do seu agrado.
Ela: _ Acho que *não sei dizer*.
Ele: _ Não sabe o quê?
Ela: _ Hein?
Ele: _ Olhe, até estou suspirando de agonia. Vamos não falar em nada, está bem?
Ela: _ Sim, está bem, como você quiser.
Ele: _ É, você não tem solução. Quanto a mim, *de tanto me chamarem*, eu virei eu. [...] (Lispector, 1999, p. 47-49).

Avancemos um pouco, transcrevendo mais alguns trechos da fala do casal:

[...] _ Bem, e você tem preocupações?
_ Não, não tenho nenhuma. Acho que não preciso vencer na vida.
[...] _ Você sabia que na Rádio relógio disseram que um homem escreveu um livro chamado “Alice no País das Maravilhas” e que era também um matemático? Falaram também em ‘élgebra’.
O que dizer ‘élgebra’? (sic)
_ Saber disso é coisa de fresco, de homem que vira mulher.[...]
_ Nessa rádio eles dizem essa coisa de “cultura” e palavras difíceis, por exemplo: o que quer dizer “eletrônico”?
_ Eu sei mas não quero dizer.
_ [...] A Rádio Relógio diz que dá hora certa, cultura e anúncios. Que quer dizer cultura?
_ Cultura é cultura. [...] Você também vive me encostando na parede.
_ É que muita coisa eu não entendo bem. O que quer dizer “renda per capita”?
_ Ora, é fácil, é coisa de médico.
_ O que quer dizer rua Conde do Bonfim? O que é conde? *É príncipe?*
[...]

_ Sabe o que mais aprendi? Eles disseram que se devia ter alegria de viver. Então eu tenho. Eu também ouvi uma música linda, eu até chorei. [...] A música chamava-se “Una furtiva lacrima”. Não sei por que eles não disseram lágrima.

[...]
_ Na Rádio Relógio disseram uma palavra que achei meio esquisita: mimetismo.

[...]
_ Isso é lá coisa para moça virgem falar? E para que serve saber demais?

[...]
_ Olhe, o Imperador Carlos Magno era chamado na terra dele de Carolus! E você sabia que a mosca voa tão depressa que se voasse em linha reta ia passar pelo mundo todo em 28 dias?

_ Isso é mentira!
_ Não é não, juro pela minha alma pura que aprendi isso na Rádio Relógio!

[...]
_ [...] escuta aqui: você está fingindo que é idiota ou é idiota mesmo?

_ Não sei bem o que sou, me acho um pouco... de quê?... Quer dizer não sei bem quem eu sou.

_ Mas você sabe que se chama Macabéa, pelo menos isso?
_ É verdade. Mas não sei o que está dentro do meu nome. Só sei que nunca fui importante... (Lispector, 1999, p. 49-50, 55-56).

Pelo movimento narrativo pudemos acompanhar e constatar, nos trechos expostos, que as tentativas de comunicação entre Macabéa e Olímpico são inócuas. Os diálogos são entrecortados e as perguntas são respondidas com desinteresse, de forma que, ao falarem, logo são impelidos de volta ao vazio. Não há troca de informações, não há diálogo, mas, apenas, falas mecanizadas “lançadas ao vento”, que, por sua vez, não contribuem para o seu crescimento, gerando apenas frustração, que reflete as limitações que ambos apresentam em relação à linguagem, ou ainda, acentuam a sua natureza monológica.

A quase “falta” de linguagem de Macabéa faz com que, por vezes, a coloquemos sob o mesmo patamar dos seres irracionais. Embora, em alguns momentos, ela chegue a fazer uso de alguns recursos morfológicos e semânticos da língua, repelindo ou valorizando determinadas palavras, como veremos na sequência, isso acontece, diríamos, instintivamente.

Ademais, por sua vez, a compreensão, enquanto processo ativo, é uma forma de diálogo. E, nesse processo, concorrem para o êxito da interação o domínio do próprio código em si, das regras linguísticas e extralinguísticas de seu manejo. Desta maneira, durante as ações linguísticas, nos processos interacionais, se processam reflexões sobre os próprios recursos expressivos e o indivíduo busca, portanto, formas de obtenção de sentidos. Afinal,

são os signos que constituem o alimento da consciência, isto é, a consciência individual toma forma e existência à medida que interioriza os signos sociais. Nesse processo, ela não só os absorve como tais, mas absorve principalmente sua lógica (Faraco, 2009, p. 151).

Na verdade, o que salta aos olhos é o fato de Macabéa não conseguir se exprimir, dizer o que sente e, prin-

principalmente, entender o que ouve dos outros. Seu universo mental se apresenta de forma caótica, todas as palavras que ela profere são prenes de significado, no entanto, ela não os conhece e, assim, sente-se perdida. Ora, a linguagem não é uma lista de nomes/palavras para coisas no mundo, mais do que isso, ela é, sobretudo, uma forma de o homem organizar o mundo em uma estrutura dotada de sentido. Em sendo dotadas de sentido, as palavras não podem ser usadas aleatoriamente, sob pena de perderem o vínculo com a realidade e tornarem-se apenas sons vazios. É o que acontece com Macabéa. Em contrapartida, na perspectiva bakhtiniana, esclarece Faraco (2009, p. 87):

o universo socioideológico e o mundo interior não remetem a estruturas pesadamente monolíticas e centrípetas [...] mas a realidades infinitamente múltiplas e centrífugas, e confrontando-se em uma intrincada rede de incontáveis entrecruzes que vão ocorrendo numa dinâmica inesgotável.

Em relação à questão da alteridade, vale frisar que, ao colocarmos em evidência a *necessidade do outro*, estamos ratificando novamente o fato de que, conforme atesta por vezes Bakhtin, “*a vida é dialógica por natureza*”, e que o conhecimento resulta de uma interação social que se estabelece no momento em que os integrantes do processo comunicativo trocam informações, refletem, ressignificam e voltam a si mesmos transformados, e retornam ao outro e assim por diante. Dito de outro modo, na interação verbal, a interlocução define-se não só como espaço de produção de *linguagem*, mas também e, sobretudo, como *constituição de sujeitos*, sujeitos estes que transformam e são transformados (relação dialética).

No que tange à questão da alteridade, Faraco (2009, p. 156) reforça a ideia de que esta “precede e é constitutiva da identidade, da ipseidade (‘Ich werde am Du’)- ‘me torno na relação com o Tu’)”. Essa afirmação reforça a importância do outro na constituição do eu. Miseravelmente, Macabéa nunca pensara em “eu sou eu” e também não tinha uma orientação social adequada, ou melhor, não tinha nenhuma orientação social, não sabia ao menos quem era. Como é que um ser humano pode instituir-se sujeito, marcar seu lugar no mundo, sem ao menos saber quem é? Nós só somos o que somos porque nos relacionamos com os outros e, ao longo de nossas vidas, no processo de interação social, construímos a nossa subjetividade. Ela não tinha identidade, ela “era um acaso” (Lispector, 1999, p. 36).

Essa moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro. Daí não se sentir infeliz. Não sabia para quê, não se indagava” [...] Macabéa nunca se perguntava [...], afinal para ela “o não saber fazia parte importante de sua vida”. [...] Vagamente pensava de muito longe e *sem palavras* o seguinte: já que sou, o jeito é ser. [...] Era apenas fina matéria orgânica. Existia. Só isto (Lispector, 1999, p. 27-28, 33-39).

Em todo o seu percurso de vida, a jovem tivera grandes limitações com a linguagem, o que vem explicar o motivo pelo qual não conseguia exprimir seu pensamento em palavras, ou ainda, não conseguia sequer pensar, dado a falta de palavras. Tudo isso vem culminar na imensidão de “não sei” que era sua vida e, por conseguinte, na sua não constituição como sujeito ativo, inserido em determinado contexto.

[...] um dia viu algo que por um leve instante cobiçou: um livro que seu Raimundo, dado a literatura deixara sobre a mesa. O título era ‘*Humilhados e Ofendidos*’. Ficou pensativa. Talvez tivesse pela primeira vez se definido numa *classe social*. Pensou, pensou e pensou! Chegou a conclusão que na verdade ninguém jamais a ofendera, tudo que acontecia era porque as coisas são assim mesmo e *não havia luta possível*, para que lutar? (Lispector, 1999, p.40).

É importante destacar que Bakhtin (1986, p. 114) delega à orientação social um papel fundamental e afirma que sem ela não há atividade mental. Nessa linha de raciocínio informa ainda que “a estrutura da atividade mental é tão social como a da sua objetivação”. Para o autor, o nível de clareza e consciência da atividade mental está intrinsecamente atrelado ao nível de orientação social do indivíduo. O fato de não conseguir se expressar por meio da linguagem torna-se uma barreira que se interpõe entre Macabéa e o mundo, contribuindo para sua desconstituição de identidade e sua transformação em um ser apenas biológico: “Aliás, cada vez mais ela não sabia se explicar. Transformara-se em simplicidade orgânica”.

Temos que, ao apresentar dificuldades em participar do diálogo da vida e, apenas absorver conhecimentos já prontos, sem, ao menos, posicionar-se diante deles, o homem compromete sua contribuição para a semanticidade do(s) texto(s), isto é, para a construção de sentidos que nascem a cada processo interlocutivo que se instaura. Dessa forma, paulatinamente, torna-se prisioneiro em um universo monológico e, por fim, transforma-se num ser reificado, incapaz de agir sobre o objeto de conhecimento e, em consequência, intervir na realidade.

Macabéa, devido aos seus entraves com a linguagem, não consegue relacionar-se consigo mesma e com o mundo; mundo complexo, cheio de signos, ideias, representações, para o qual ela não estava preparada. Durante o seu percurso, pudemos constatar que, na prática, a rigor, ela “interage”; todavia, esta interação sofre drásticas limitações (pois a personagem “não fala, não pergunta”), de modo que podemos considerar a existência, embora restrita, da interação, na medida da inserção desta personagem em um contexto sócio-cultural, pois, na verdade, conquanto não aja, ela reage, absorvendo este contexto.

Sua interação não apresenta, portanto, ressignificação ou ruptura e o sentido não é construído, mas absorvido de relações dialógicas: “O seu diálogo era sempre oco” (Lispector, 1999, p. 54). Essa postura monológica de

Macabéa concorre para a sua “reificação”, isto é, para a não construção de sua identidade.

Tais considerações levam-nos a dizer que sua existência alienada pouco significava para o mundo: “Era supersônica de vida. Ninguém percebia que ela ultrapassava com sua existência a barreira do som. Para as outras pessoas ela não existia” (Lispector, 1999, p. 63). Desse modo, o narrador informa, com razão, que Macabéa “tornara-se com o tempo apenas matéria vivente em sua forma primária” (Lispector, 1999, p. 38) e apenas vivia: “A única coisa que queria era viver. Não sabia para quê, não se indagava” (Lispector, 1999, p. 27).

“Incompetente para a vida”, não há sequer “espelho no qual possa se reconhecer como cidadã, como mulher, como pessoa nítida: ‘Pareceu-lhe que o espelho baço e escuro não refletia imagem alguma. Sumira por acaso sua existência física?’” (Rosenbaum, 2002, p. 60).

A esse respeito, diz-nos Faraco (2009, p. 156) que Bakhtin, no seu texto *Para uma refeitura do livro sobre Dostoiévski*, de 1961, expõe que “A morte absoluta - o não ser - é o estado de não ser ouvido, de não ser reconhecido, de não ser lembrado. Ser significa ser para um outro, e por meio do outro, ser para si mesmo”.

Então, ao agir de forma não interativa, ou ainda, assumir uma postura passiva diante da realidade, Macabéa, paulatinamente, reifica-se, deixa de ter voz e, por isso, o narrador encarrega-se de interpretar o seu silêncio em palavras, denunciando, assim, o drama anônimo e a situação de miséria da moça: “É dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida. Porque há o direito ao grito” (Lispector, 1999, p. 13).

Considerações finais

Enfim, acerca do que nos propusemos fazer neste trabalho e cientes de que tais observações não esgotam o tema proposto e, ainda, que outros caminhos poderiam ser percorridos, para o momento, acreditamos que os, embora breves, fatores abordados explicitam a importância de uma relação dialógica com o mundo, relação esta mediada pela LINGUAGEM, que, por sua vez, faz a ponte entre o sujeito e o objeto de conhecimento. E reforça a ideia que, de posse da linguagem, o sujeito adquire consciência, diferenciando-se dos outros animais, à medida que se torna capaz de pensar, de saber que sabe; e nos processos discursivos instaurados pelos sujeitos constroi, em suas relações, sua própria identidade.

Contrariamente, a privação da linguagem culminará numa imensurável redução (até mesmo na extinção) de possibilidades de o indivíduo intervir e modificar a realidade, isto é, colocar-se como “autor das transformações sociais”, uma vez que o instrumento que lhe permitiria interagir com o mundo não lhe é acessível.

Portanto, considerando-se que a linguagem é ação, espaço da interlocução e constituição do sujeito,

e que o dialogismo é a (re)criação de sentidos, é notório o fato de que Macabéa, ao assumir uma postura passiva em suas relações, contraria o postulado bakhtiniano de que viver significa participar de um diálogo, interrogar, responder, concordar, etc., enfim, romper com o habitual, ressignificar. E, por conseguinte, seu precário domínio da linguagem acaba por interferir na constituição de uma identidade. E, nesse caso, sentimo-nos à vontade, já que sujeito é aquele que age e o narrador menciona que Macabéa “transformara-se em simplicidade orgânica” (Lispector, 1999, p. 63), para considerá-la uma espécie de “esponja”.

Explicamo-nos. A linguagem acaba se tornando para Macabéa não um instrumento de troca, de interação, mas, apenas, uma lista de palavras, um código independente do indivíduo, que deve ser por ele dominado. Ou seja, Macabéa se apropria de palavras, conceitos e valores sem fazer os ajustes necessários, sem posicionar-se diante deles, a fim de construir e produzir sentidos; apenas os absorve, ressaltando, contingência do monologismo, sua submissão e o ponto de vista acríptico e sugestionado que define o seu perfil. Ao contrário disso,

como forma de sobrepujar o monologismo, só há para Bakhtin a via do diálogo sem fim, que ele considera a única forma de preservar a liberdade do ser humano e de seu inacabamento [...]; uma relação, portanto, em que o outro nunca é reificado; em que os sujeitos não se fundem, mas cada um preserva sua própria posição de extraespacialidade e excesso de visão e compreensão daí advinda [...] (Faraco, 2009, p. 76).

Diante do exposto, cientes do quão complexas e não consensuais são as questões postas por Bakhtin e seu Círculo e de quantos embates se dão em torno do termo diálogo, tido como grande metáfora que permeia as suas reflexões sobre a linguagem, não é demais lembrar que não desconsideramos o fato de que, para esse grupo, mesmo a atitude discursiva monológica é intrinsecamente dialógica.

No entanto, nesse contexto, acompanhando a teoria tal como a compreendemos e expusemos, não seria errado entendermos que, embora aceitar um enunciado, ou ainda, uma responsividade caracterizada pela adesão incondicional, possa significar uma forma de diálogo, para a nossa personagem Macabéa, isso não é suficiente para sua constituição como sujeito, para sua singularização. O diálogo, a nosso ver, atinge sua plenitude não nas consonâncias, mas e principalmente nas dissonâncias, nas multissonâncias, espaço propício para a interação. Nesse sentido, via linguagem, tornar-se-ia possível ampliar as margens de nossa própria liberdade e realmente penetrar no chamado tecido dialógico da vida humana, o simpósio universal.

Feitas essas considerações, colocamos, um ponto final nesse trabalho, considerando, conforme a orientação bakhtiniana, que um orador que escuta apenas a sua pró-

pria voz paralisa sua enunciação, destrói o vínculo dialógico com sua audiência, restando inútil a sua intervenção. Para que a nossa interlocução se efetive é preciso que à minha palavra se oponha a sua contra-palavra.

Portanto, encerramos com a expectativa de que este ponto final não signifique um fim, mas seja uma porta aberta à espera de novos convidados, que tragam consigo o desejo de se integrarem a essa discussão, enriquecendo-a, fazendo a sua voz entrelaçar-se à nossa, acentuando, assim, a natureza dialógica da linguagem.

Referências

- BAKHTIN, M. 1986. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 3ª ed., São Paulo, Hucitec, 199 p.
- BRAIT, B. (org). 1997. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2ª ed., Campinas, Editora da Unicamp, 385 p.
- FARACO, C.A. 2009. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. 1ª ed., São Paulo, Parábola Editorial, 168 p.
- LISPECTOR, C. 1999. *A hora da estrela*. 23ª ed., Rio de Janeiro, Rocco, 88 p.
- ROSENBAUM, Y. 2002. *Clarice Lispector*. 1ª ed., São Paulo, Publifolha/Folha Explica, 112 p.
- SÁ, O. 1979. *A escritura de Clarice Lispector*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 360 p.

Submetido: 05/04/2013
Aceito: 14/02/2014

Rosiney A.L. do Vale

Universidade Estadual do Norte do Paraná
Campus de Jacarezinho
Rua Padre Melo, 1200
86400-000, Jacarezinho, PR, Brasil

Rozana A.L. Messias

Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
Av. Dom Antonio, 2100
19800-000, Assis, SP, Brasil